



## MASCULINIDADE TÓXICA E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Tânia Rocha Andrade Cunha

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: [tania.rochandrade@gmail.com](mailto:tania.rochandrade@gmail.com)

Jacqueline Meireles Valiense

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: [jacqueline.meireles@hotmail.com](mailto:jacqueline.meireles@hotmail.com)

### INTRODUÇÃO

1754

Numa sociedade herdeira de valores patriarcais, as desigualdades existentes entre os sexos geram sérios problemas nas relações conjugais uma vez que nelas o homem ocupa um lugar privilegiado em relação à mulher nos mais diversos campos: econômico, social, cultural e político, condição que o faz se sentir o sexo forte, o sexo do poder que pode exercer sobre a mulher as mais variadas formas de dominação e violência.

Desse modo, conforme Cunha (2007), as mulheres, que, historicamente, sempre foram consideradas como o sexo frágil, têm sido o alvo principal das mais diversas formas de violência e humilhação por parte dos homens e isto acontece não apenas porque a sociedade legitima o poder masculino, mas também porque os homens necessitam afirmar-se como o sexo forte, o sexo poderoso.

As práticas violentas contra as mulheres nas relações conjugais têm como elemento de perpetuação uma visão tóxica da masculinidade. Nesse contexto, as situações de violência que nos propomos analisar estão associadas ao comportamento tradicional dos homens que mantém uma forma perversa de externalizar a sua masculinidade. A caracterização do que é ser homem varia de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, assim, as justificativas dadas às práticas violentas vão variar de acordo com o indivíduo, com a sua situação social, bem como com uma diversidade de elementos que compõem a memória de cada homem investigado.

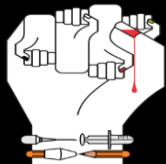
O presente texto é uma reflexão a partir da nossa Dissertação de Mestrado, *O Homem e a Violência Contra As Mulheres: Memória, Poder e Machismo*, realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, UESB, que aborda a importância de estudar a masculinidade tóxica refletida na violência praticada contra as mulheres, tratadas como o sexo fraco, como subordinadas e sobre as quais recaem todo o tipo de preconceito, discriminação e violência.

Realização:



Apoio:





## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem metodológica que utilizamos foi qualitativa, analítica e documental a partir da análise de 10 (dez) processos judiciais, já sentenciados, tramitados junto ao Cartório Judicial da Vara da Violência Doméstica de Vitória da Conquista, Bahia. O recorte de análise foi feito a partir de documentos de natureza audiovisual, transcritos, vinculados à audiência de instrução e julgamento. Dentre os processos existentes, optamos por aqueles de natureza penal diferentes, contudo, as vítimas são mulheres na condição de companheiras (esposas). O recorte temporal entre a ocorrência dos fatos e a sentença processual corresponde ao período de 2014 a 2019. Os homens que fizeram parte do estudo eram heterossexuais e estavam na faixa etária entre 19 anos a 51 anos de idade. Os relatos analisados são justificados a partir de diversos eixos interpretativos utilizados pelos homens para explicar as suas ações.

1755

## RESULTADOS ALCANÇADOS

O estudo sobre violência conjugal exige, sobretudo, a articulação entre os conceitos de gênero, poder e de masculinidades, possibilitando uma investigação mais profunda sobre os motivos e os significados que compõem as práticas violentas de muitos homens contra suas companheiras. Para Nolasco (2001, p. 118-119), “a violência perpetrada pelos homens é vista como uma forma de controle comportamental das suas parceiras sexuais”, resultando na ideia de que “as mulheres são suas propriedades, e preservar sua propriedade é uma questão de honra”.

A violência é um dos fatores fundamentais na construção da identidade do homem. O contexto em que é educado faz com que ele internalize padrões violentos no seu processo de socialização. Como tentativa de entender essa questão, Cechetto (2004, p. 260), ao estudar sobre masculinidades juvenis e de jovens adultos, concluiu que “os estereótipos que associam diretamente violência, masculinidade e pobreza ou o paradigma da sociobiologia”, não dão conta de explicar as “múltiplas questões e manifestações da violência e das masculinidades”.

Para a autora, as principais formas de exteriorização da masculinidade são: “a competição masculina, músculo como atributo de culto pelo masculino; violência associada à virilidade e o culto ao corpo, a hiper-valorização deste como veículo de *status* e de poder” (CECHETTO, 2004, p. 260). Em contextos específicos, estes elementos são

Realização:



Apoio:





importantes para o mapeamento e análise dos diversos estilos de exteriorização de comportamentos masculinos.

Nesse sentido, explorar o conhecimento sobre masculinidade nos permite uma maior compreensão das justificativas e significados, que se materializam na cena dramática das práticas violentas dos homens contra as suas companheiras. A masculinidade incorpora o seu valor social em diversas ideias e sistemas simbólicos, compreendê-la requer examinar esse conjunto de elementos como um todo.

O poder, a virilidade e a dominação são alguns elementos caracterizadores do modelo masculino e que conduzem as relações sociais dos homens. Os problemas decorrentes desses privilégios se perpetuam e se reproduzem como consequência de uma memória comportamental, principalmente na área sexual e afetiva dos homens.

A violência física pode ser interpretada por muitos como um ato de potência, virilidade e força, para outros esse mesmo ato é uma confissão da ignorância, fragilidade e dependência. A apreciação de ações violentas dependerá da perspectiva das pessoas envolvidas e dos contextos sociais.

Nesse sentido, os padrões sociais que conceituam as masculinidades não são estáticos, mas construídos através das relações afetivas em situações específicas e passíveis de mudanças. A dependência da inserção do homem em diversos contextos para a definição da masculinidade possibilita a mudança social nas relações desiguais entre homens e mulheres (CONNEL, 1995).

De acordo com Silva (2017, p. 197), a “construção tóxica da masculinidade permite que homens sejam violentos com as mulheres, porque são simplesmente homens e elas, mulheres”. Por masculinidade tóxica, apropriamo-nos da conceituação de Confort (2017, p. 2), publicado no Portal Geledés Instituto da Mulher Negra:

Masculinidade tóxica é uma descrição estreita e repressiva da masculinidade que a designa como definida por violência, sexo, *status* e agressão, é o ideal cultural da masculinidade, onde a força é tudo, enquanto as emoções são uma fraqueza: sexo e brutalidade são padrões pelos os quais os homens são avaliados, enquanto traços supostamente ‘femininos’ – que podem variar de vulnerabilidade emocional a simplesmente não serem hipersexuais – são meios pelos quais seu *status* como ‘homem’ pode ser removido. Alguns dos efeitos da masculinidade tóxica são a supressão de sentimentos, encorajamento da violência, falta de incentivo em procurar ajuda, até coisas mais graves, como perpetuação encorajamento de estupro, homofobia, misoginia e racismo.



Portanto, as ações masculinas violentas se renovam como um “ciclo de violência” (CUNHA, 2007), refletem, em essência, os inconscientes coletivos e doentios na construção comportamental do homem, principalmente, o seu domínio e poder sobre a mulher. Essas atuações do homem em sociedade é uma construção do conceito de masculinidade hegemônica que se baseia “na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres”. Em alguns contextos, essa hegemonia “realmente se refere ao engajamento dos homens a práticas tóxicas”, a exemplo, “da violência física – que estabiliza a dominação de gênero em um contexto particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 255).

Assim, analisar o comportamento dos homens autores de violência contra suas companheiras, auxilia a construção de novas perspectivas sobre esse fenômeno e introduz desafios no estudo da violência de gênero. Acreditamos ser importante não analisar esse fenômeno como expressões individuais do homem, sob o dualismo algoz/vítima e, nesse sentido, a perspectiva teórica de Badinter é fundamental para guiar nossas interpretações sobre essa questão. Badinter (1993, p. 191) afirma que “A masculinidade precisa ser construída e conquistada, com intuito de provar que ela não é natural quanto se pretende. [...] a identidade masculina se adquire à custa de grandes sacrifícios, que incluem ritos de passagem, suportando dor e humilhação”.

## CONCLUSÕES

Trabalhar o fenômeno de violência conjugal reforça a ideia da necessidade de trabalhar com os homens, vez que são eles majoritariamente os agressores. A partir disso, certamente, poderemos chegar mais próximo da compreensão da violência e buscar caminhos para combatê-la. Para compreender a violência praticada pelos homens contra as mulheres é preciso incluir análises sobre os processos de socialização masculina e os significados de ser homem em nossa sociedade, em que os homens são educados para reprimir suas emoções, sendo a agressividade incluindo a violência física, a forma geralmente aceita como marca ou prova de masculinidade. Portanto, reconhecemos que essa pesquisa não se encerra aqui, ela é apenas uma contribuição aos estudos de gênero que precisa ser aprofundada para maior entendimento do comportamento masculino que tem suas raízes fincadas na ordem patriarcal e que ainda reverbera impunemente pela sociedade como um câncer que corrói lentamente a autoestima das mulheres.



## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CECHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CONFORT, Maria. **Você sabe o que é masculinidade tóxica?** GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-masculinidade-toxica/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNELL, Robert William; MESSERSCHMIDT, James William. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, maio 2013.

CUNHA, Tânia Rocha Andrade. **O preço do silêncio**: mulheres ricas também sofrem violência. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SILVA, Valéria Fernandes da. “Sua boca diz não, mas o seu corpo diz sim”: cultura do estupro e Shoujo Mangá. In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane; ZANELLO, Valeska; PORTELA, Edlene Cristiane (org.). **Mulheres e violências**: interseccionalidades. Brasília: Technopolitik, 2017.

1758

Realização:



Apoio:

